

ministério da cultura e pivô apresentam

O MUNDO REAL NÃO ALÇA VOO

THE REAL WORLD DOES NOT TAKE FLIGHT

rodrigo hernández



P I V Ô

AS IMAGENS NESTA EXPOSIÇÃO são de um sonho que tive três meses após a morte da minha mãe. O sonho se passava em Londres, cidade que visitei duas vezes – com muitos anos de distância –, uma no verão e outra no outono. A visita de verão, há muitos anos, me tocou profundamente, mas Londres me pareceu uma cidade de passagem, repleta de pessoas a caminho de algum outro lugar. Fiquei impressionado com aquela sensação de férias e decidi voltar em uma época mais sóbria, talvez no outono ou no inverno. Muitos anos depois, cumpri essa promessa e retornei a Londres, dessa vez em outubro. Eu vivia uma fase melancólica e essa extraordinária cidade caiu como uma luva em meu temperamento daquela época. Tive a oportunidade de saboreá-la sozinho, sem a interferência das multidões do verão. Choveu a maior parte do tempo e a neblina que envolvia a cidade tinha um efeito hipnotizante.

Eu acordava às 4 da manhã e uma hora depois já estava explorando a metrópole, que ainda dormia – com exceção de alguns varredores de rua. Eu mal via suas silhuetas em movimento emergindo da névoa matinal. Às sete horas, com o dissipar da neblina, a cidade começava a ganhar vida, e o encanto se quebrava. As horas entre cinco e sete eram hipnóticas – algo de outro mundo, que pertencia a mim, potente e silencioso, e que ficaria gravado para sempre em meu subconsciente.

Agora, anos depois, esses momentos assombrosos emergem na forma de sonho. O lugar é Londres; o tempo, aquela época mágica do outono. O sonho, que surgiu da neblina, aparecendo e desaparecendo como ela, compunha um cenário completo na mesma sequência dessas imagens. A qualidade sonâmbula e quase submersa do sonho era impressionante. Naquela manhã, pensei nele por algum tempo, mas logo prossegui com a rotina diária da minha vida. Entretanto, uma semana depois tive o mesmo sonho. Dessa vez, fiz anotações em meu caderno e, desde então, penso nele todos os dias. Tornou-se uma obsessão.

Por que sonhei aquele sonho?

Quem é a freira negra?

Quem é o homem?

Dada a minha natureza analítica, sabia que o sonho era simbólico. O aspecto existencial do simbolismo não me é inteiramente estranho. Vivemos nossas vidas sozinhos – as pessoas que conhecemos são imagens narcisistas de nós mesmos; relacionamentos não duram;

casos amorosos são decepções mútuas e distrações da morte. Todo mundo acaba tomando café da manhã sozinho. No final das contas, você é seu responsável e responsável por você. O resto é escuridão. Vejo o sonho como uma manifestação de esperanças frustradas, ilusões perdidas e a inevitabilidade da condição humana.

Essa foi minha viagem até o subconsciente – uma terra de eras, és e serás, iluminando uma verdade cristalizada escondida, um momento de tempo perdido, quiçá um momento de um tempo que nunca ocorreu, quiçá um porvir, fundindo e registrando imagens para sempre jovens, que nunca envelhecem, refletindo a ansiedade de todos os tempos por meio de flashbacks e flash-forwards. Encontrei-me na essência do tempo – e, ao mesmo tempo, fora dele, suspenso, olhando para o abismo.

No sonho, um homem segue uma freira por Londres, partindo da porta de um pequeno prédio em Bloomsbury. Ambos correm para dentro do Victoria and Albert Museum e ele a observa, parada, por um período especialmente prolongado de tempo, em frente ao vestido fabricado pela Scott Paper Company. Em seguida, os dois voltam a apressar o passo nas ruas, ele atrás dela. No entanto, o sonho se quebra em intervalos repentinos e incongruentes, como lombadas que costuram uma rua ou pontes que costuram um rio. Finalmente, eles trocam palavras: ela se apresenta como Mo-Po, diminutivo de Madre Paulette, e conta que sua missão é ajudar adolescentes a fazerem cirurgia de mudança de sexo. Em outro intervalo, o casal está novamente em frente ao vestido de papel do museu, mas desta vez ela fala sobre ilustrações botânicas da metamorfose de insetos que mostram todos os estágios em um só desenho. Depois, passam para dentro de um hospital, onde ela lhe entrega arquivos com nomes. Dentro, apenas imagens dela, mas em versão jovem, na Jamaica, trabalhando nua em algo que parece uma seda no padrão moiré. Em uma delas, ela pressiona o corpo com toda força contra uma máquina, fazendo com que seus seios desapareçam. Na próxima imagem da sequência, vemos que ela imprimiu um grande quadrado azul escuro. As fotos viram ou progridem para desenhos – exemplos, como ela as descreve – de padrões quase idênticos sobrepostos. Eles agora sentam, depois voltam a andar. Ele a perde e volta a segui-la secretamente pelas ruas londrinas.

Rodrigo Hernández

Rodrigo Hernandez – artista mexicano que vive em Lisboa – trabalha com desenho, pintura, escultura e instalação em sobreposições de histórias e narrativas culturais. Os ambientes que Hernandez invoca em suas exposições se materializam de forma intuitiva, unindo meios e formas com fluidez. Cada obra é inspirada em histórias que podem ser difíceis de se intuir na exposição final; no entanto, adornam sua prática com uma estrutura. Entre os trabalhos que Hernandez incluirá em sua mostra individual no Pivô, encontram-se um mural baseado no padrão moiré de vestidos de papel que o artista viu no Victoria and Albert Museum em Londres; uma escultura que faz referência às ilustrações científicas da naturalista suíça Maria Sibylla Merian, que representam a metamorfose de insetos; e o sonho de um encontro com uma freira em Londres. O artista oferece o obituário a seguir, extraído de um jornal britânico, como outra inspiração.

Oliver Basciano



Scott Paper Company Dress, 1966 - Photography by Audie Bancroft, from the Victoria & Albert Museum's collections

THE IMAGES IN THIS EXHIBITION are those of a dream I had three months after the death of my mother. The setting was London, a city I had visited twice, many years apart: once in the summer and once in the autumn. The summer visit, a long time ago, impressed me deeply, but London appeared to me as a city full of transients: people on their way to somewhere else. I was struck by a sense of holiday and decided to come back at a more sober time, perhaps in the autumn or winter. Years later I fulfilled that promise and returned to London in October. It was a melancholy time of my life, and this extraordinary city suited my temperament at that moment. I had a chance to savour it alone, without the interference of summer crowds. It rained most of the time, and this fog-enveloped place had a mesmerising effect.

I would wake up at 4 a.m. and start exploring an hour later. The city was still asleep except for a few street sweepers. I could barely see their moving silhouettes emerging from the morning mist. By seven o'clock the city was beginning to come to life: the fog began to lift, and the spell was broken. The hours between five and seven were hypnotic – it was not of this world, but it belonged to me, powerful and soundless, forever burned into my subconscious.

Now, years later, those haunting moments re-emerge in the form of a dream. The place was London and the time, that magic time of autumn. The dream that surfaced from the fog, appearing and disappearing, was a full scenario following the same sequence as these images. I was impressed with the somnambulistic, almost underwater quality of the dream. I thought about it for a while and then went ahead with the everydayness of my life. A week later, the dream recurred. This time I wrote it down in my notebook. Not a day passed without me thinking about it. It became an obsession.

Why was I dreaming this dream?

Who is was the black nun?

Who is was the man?

Being of analytical nature, I knew the dream was symbolic. The existential aspect of the symbolism was not entirely foreign to me. You go through life alone; the people you meet are narcissistic images of yourself; relationships don't last; affairs are mutual delusions and distractions from death. You end up having breakfast alone. You take the boat to nowhere, knock on the door, and confront yourself. Ultimately, you are responsible to yourself, for yourself. Then darkness. I perceive the dream as one of frustrated hopes, lost illusions, and the inevitability of the human condition.

This was my journey into the subconscious – a land of was, is and will

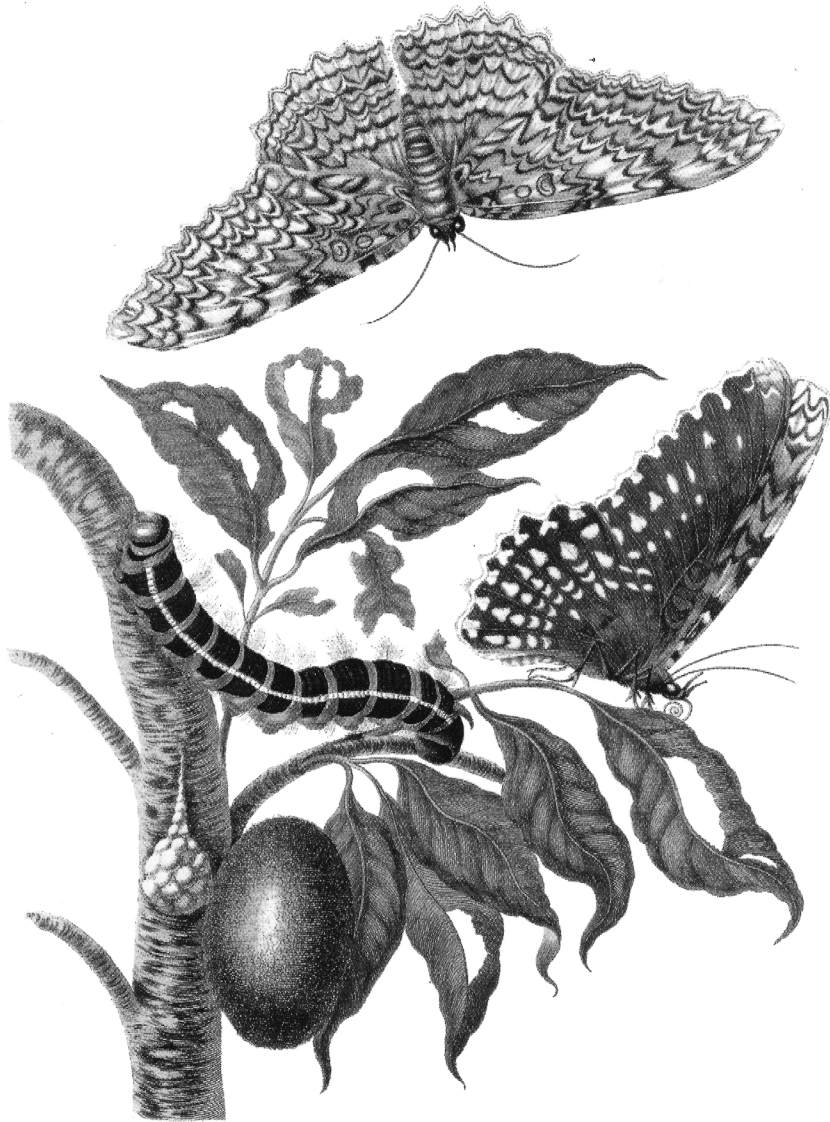
be, illuminating a hidden crystallised truth, a moment of time lost, perhaps a moment of time that never happened. Or perhaps even a time to come: merging and recording images forever young, never to age, reflecting the anxiety of all time by means of flashbacks and flash-forwards. I found myself in the essence of time –and at the same time I was outside of it, suspended, looking into the abyss.

In my dream, a man is following a nun through London, starting at the door of a small building in Bloomsbury. Both rush into the Victoria and Albert Museum and he watches her standing for an especially long time in front of the Scott Paper Company Dress. Then, both are again walking fast on the street. He is behind her, but the dream has sudden, incongruous breaks: like bumps sewing together a road, or bridges stitching a river. For once, they are talking, and she tells him her name: Mo-Po – short for Mother Paulette – and that her mission is helping teenagers get gender re-assignment surgery. After another break, they are again in front of the dress at the museum but this time she is speaking about botanical illustrations of insect metamorphosis that show all stages in one single drawing. Then they are inside a hospital where she hands him files with names. Inside there are only pictures of herself but younger, in Jamaica, working naked on what looks like moiré silk. In one picture, she is pressing her body with all her strength against a machine making her breasts disappear. In the next picture, we can see she has printed a big dark blue square. The photos transition or evolve into drawings – examples as she describes them – of overlaid almost identical patterns. They are then sitting, and later walking again. He loses contact with her and then resumes following her secretly through the streets of London.

Rodrigo Hernández

Rodrigo Hernandez, a Mexican artist based in Lisbon, works with drawing, painting, sculpture and installation to overlap cultural narratives and histories. The environments that Hernandez conjures up within his shows are arrived at intuitively, fluidly bringing together media and form fluidly, but each work takes inspiration from stories that might be hard to intuit in the end exhibition, but are nonetheless embellish and adorn his practice with a structure. Among the works Hernandez will include in his solo exhibition at Pivô is a mural that draws on the moiré pattern of paper dresses the artist saw at London's Victoria and Albert Museum, with a sculpture which references Swiss scientist naturalist Maria Sibylla Merian's scientific drawings of insects depicting the s' metamorphosis of insects by the Swiss scientist Maria Sibylla Merian and a dream encounter with a catholic nun in London. The artist offers the following obituary, taken from a British newspaper, as another inspiration.

Oliver Basciano



"Gummibaum", Maria Sibilla Merian, *Metamorphosis Insectorum Surinamensium*, 1705

Agradecimentos do Artista /
Artists' special thanks

Adriana Francisco, Alejandro Hernández,
Alessandro Pasotti, Ana Paula Maich,
Buda, Chertludde Gallery, Chiara Tiberio,
Clarissa Tempestini, Fabrizio Padovani,
Fernanda Brenner, Florian Ludde,
Frances Reynolds, Galeria Madragoa,
Fraus, Gonçalves Jesus, Guilherme Rossi,
Iago Dias Timoteo, InclusArtiz, Jennifer
Chert, Leandro Muniz, Ligia Andrade,
Luiz Felipe Macalé, Luiza Teixeira de
Freitas, Marcela Sarquis, Matheus
dos Reis, Matias Oliveira, Matteo
Consonni, P420, Paula Signorelli, Pedro
Alencar, Raquel Sena, Robson Moraes,
Sandra Oksman, Sara de Chiara, Silvia
Bächli, Sofia Montanha, Teresa Aceves

Pivô agradece aos seus mantenedores /
Pivô thanks its maintainers

Alexandra Mollof
Ana e Marco Abrahão
Andrea e José Olympio Pereira
Bergamin & Gomide
Camila e Francisco Horta
Carbono Galeria
Carolina Holzer de Zagottis
Casa Triângulo
Clarice Tavares
Coleção Coletiva
Cristiano Guimarães
Eduardo Fakiani
Eduardo Pavia
Espaço Consciente
Fabiana Brenner
Fabio Luchetti

Fortes D'Aloia & Gabriel
Galeria Luisa Strina
Galeria Nara Roesler
Georgiana Rothier e Bernardo Faria
Graham Steele e Ulysses de Santi
José Leopoldo Figueiredo
Laurie Ziegler
Lisson Gallery
Luciana e Michel Farah
Marcelo Martins
Marcelo Tilkian Maia
Mendes Wood DM
Vera e Luiz Parreiras
Vivien Hertogh
+ anônimos

E o apoio generoso de /
And the generous support of

Frances Reynolds
Instituto InclusArtiz

Equipe / Team

Ana Paula Maich
Adriana Francisco
Buda
Fernanda Brenner
Fraus
Iago Dias Timoteo
Leandro Muniz
Ligia Andrade
Luiz Felipe Macalé
Matheus dos Reis
Matias Oliveira
Paula Signorelli
Pedro Alencar
Raquel Sena
Sandra Oksman



Projeto
realizado
com o apoio
do ProAC

patrocínio premium / premium sponsor

CRIS BARROS

patrocínio / sponsor



co-patrocínio / co-sponsor



apoio / support

Bloomberg
Philanthropies

apoio cultural / cultural support



realização / realization

MINISTÉRIO DA
CULTURA GOVERNO
FEDERAL